

# HARLAN COBEN

# refúgio

Uma história de **MICKEY BOLITAR**





## O ARQUEIRO

**Geraldo Jordão Pereira** (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Charlotte, Ben, Will e Eve

# capítulo 1

**EU ESTAVA INDO A PÉ** para a escola, morrendo de pena de mim mesmo (meu pai estava morto, minha mãe tinha sido internada numa clínica de reabilitação e minha namorada havia desaparecido), quando vi dona Morcega pela primeira vez.

Já havia escutado os boatos, é claro. Dona Morcega supostamente morava sozinha naquela casa decrépita na esquina da Hobart Gap com a Pine. Você sabe qual. Eu estava parado diante dela agora. A pintura amarela estava descascada, caindo como os pelos de um cachorro velho. O concreto do caminho de entrada, que um dia havia sido sólido, estava rachado em pedacinhos minúsculos. O mato crescia alto no jardim malcuidado.

Diziam que dona Morcega tinha 100 anos e só saía à noite. E mais: que se uma criança não estivesse em casa ao anoitecer depois de um encontro com os amigos ou do treino de beisebol – principalmente se tivesse sido doída o suficiente para cortar caminho pelo quintal de dona Morcega ou se houvesse arriscado a ir a pé, em vez de pegar uma carona – era porque tinha caído nas garras dela.

Nunca ficou claro o que exatamente dona Morcega fazia. Havia anos que nenhuma criança desaparecia na cidade. Adolescentes, como minha namorada, Ashley, eram outra história: podiam estar ali um dia, segurando sua mão, olhando bem no fundo dos seus olhos, fazendo seu coração disparar, e sumir no dia seguinte. Mas crianças pequenas? Nem pensar. Elas estavam a salvo, até mesmo de dona Morcega.

Então, quando eu estava prestes a atravessar a rua (até eu, um adolescente maduro do segundo ano do ensino médio que tinha acabado de chegar a uma escola nova, queria evitar aquela casa sinistra), a porta se abriu com um rangido.

Eu congelei.

Por um instante nada aconteceu. A porta já estava escancarada àquela altura, mas não havia ninguém. Fiquei parado, esperando. Talvez tenha piscado. Não sei direito.

Mas, quando tornei a olhar, dona Morcega estava ali.

Ela podia ter mesmo 100 anos. Ou talvez 200. Não entendi por que as pessoas a chamavam de dona Morcega. Ela não parecia um morcego. Seu cabelo grisalho ia até a cintura, como o de uma hippie, e balançava ao vento, tapando seu rosto. Usava um vestido branco meio rasgado que a deixava parecida com as noivas de filmes de terror antigos ou de cliques de bandas de heavy metal. Suas costas eram arqueadas como um ponto de interrogação.

Dona Morcega ergueu lentamente a mão – tão pálida que não era branca, mas azulada como uma veia – e apontou um dedo trêmulo e ossudo para mim. Fiquei calado. Ela continuou apontando na minha direção até não restar dúvida de que eu a estivesse vendo. Quando viu que eu a olhava, seu rosto enrugado se abriu em um sorriso que fez um calafrio percorrer minha espinha.

– Mickey?

Não fazia ideia de como ela sabia meu nome.

– Seu pai não morreu – falou.

Suas palavras provocaram uma onda de choque que me fez recuar um passo.

– Ele está muito vivo.

Mas, parado ali, observando-a desaparecer em sua caverna decrepita, eu sabia que o que ela tinha dito não era verdade.

Porque eu tinha visto meu pai morrer.



OK, isso foi bizarro.

Fiquei parado em frente à casa da dona Morcega e esperei que ela tornasse a aparecer. Nada. Andei até a porta e procurei uma campainha. Não havia nenhuma, então comecei a socá-la. Bati tão forte que a porta sacudiu. A madeira era tão áspera que arranhou os nós dos meus dedos. Lascas de tinta caíam como se a porta tivesse um caso grave de caspa.

Mas dona Morcega não veio.

E agora, o que fazer? Eu poderia derrubar a porta com um chute... mas, e depois? Ir atrás de uma senhora com um vestido estranho e exigir que ela explicasse as doideiras que dizia? Talvez ela estivesse no segundo andar da casa se preparando para mais um dia de maluquices: tirando o vestido branco, entrando no banho...

Eca!

Eu precisava ir. Não queria perder a hora. O primeiro professor do dia, o Sr. Hill, era obcecado por pontualidade. Além disso, eu ainda tinha esperanças de que Ashley fosse à aula naquele dia. Ela havia desaparecido sem o menor aviso. Talvez pudesse reaparecer da mesma forma.

Tinha conhecido Ashley três semanas antes, na escola, no programa de orientação tanto para alunos novos (como Ashley e eu) como para os que estavam começando o ensino médio – nesse último grupo todos já se conheciam, porque tinham estudado juntos no ensino fundamental. Pelo jeito, ninguém nunca saía daquela cidade.

O tal programa de orientação deveria consistir em ver uma apresentação das matérias que você iria estudar, fazer um tour pela escola e, talvez, conhecer alguns futuros colegas de turma. Mas não, isso não foi suficiente. Tivemos que participar de todas aquelas dinâmicas de grupo imbecis, degradantes e totalmente constrangedoras.

A primeira delas envolvia um “teste de confiança”. A Sra. Owens – uma professora de educação física com um sorriso que parecia ter sido pintado por um palhaço bêbado – começou tentando nos animar:

– Bom dia, pessoal!

Alguns grunhidos.

Então (odeio quando os adultos fazem isso) ela gritou:

– Sei que vocês estão mais empolgados do que isso. Vamos tentar outra vez: bom dia, pessoal!

Os alunos gritaram “Bom dia!” mais alto dessa vez, não por estarem empolgados, mas porque queriam que ela parasse.

Fomos divididos em grupos de seis, sendo que o meu contava com três alunos do primeiro ano e dois do terceiro ano que tinham acabado de se mudar para a cidade.

– Um de vocês vai subir neste pedestal aqui e colocar uma venda! – exclamou a Sra. Owens.

Tudo o que ela dizia terminava com um ponto de exclamação.

– Agora cruzem os braços e finjam que o pedestal está em chamas!

Oh, não!

A Sra. Owens colocou as mãos nas bochechas como aquele menino de *Esqueceram de mim*.

– Está tão quente que vocês vão ter que se jogar para trás!

Alguém ergueu a mão:

– Por que a gente ficaria de braços cruzados se o pedestal estivesse pegando fogo?

Burburinho de aprovação.

O sorriso pintado da Sra. Owens continuou o mesmo, mas acho que notei seu olho direito tremer um pouco.

– Seus braços estão amarrados!

– Estão? Não estão, não.

– Finjam que sim!

– Mas, se é pra fingir, pra que a venda? Não dá pra gente simplesmente fingir que não está vendo?

– Ou fechar os olhos?

A Sra. Owens se esforçou para manter o controle.

– O fogo está deixando o pedestal tão quente que vocês precisam se jogar para trás de cima dele.

– Para trás?

– Não seria mais natural a gente pular, Sra. Owens?

– É verdade. Por que a gente se jogaria para trás? Tipo, se está tão quente assim...

A Sra. Owens perdeu a paciência.

– Porque eu estou mandando! Vocês vão se jogar para trás! O restante do grupo vai segurar vocês! Então vão se revezar até que todo mundo tenha se jogado para trás de cima do pedestal!

Foi o que todos nós fizemos, embora alguns tenham hesitado. Eu meço 1,93m e peso 90 quilos. Minha equipe se encolheu quando olhou para mim. Outra garota do grupo, uma menina do primeiro ano vestida de preto dos pés à cabeça, era um pouco gorda. Sei que deveria chamá-la de outra coisa, algo politicamente correto, mas tudo em que consigo pensar soa paternalista. Grande? Fofinha? Obesa? Digo isso sem fazer qualquer julgamento, da mesma forma que diria pequeno, ossudo, magricela.

Enfim, a garota hesitou um pouco antes de subir no pedestal. Alguém do grupo soltou uma gargalhada. Depois outra pessoa fez o mesmo.

Além de mostrar àquela garota como a crueldade continuava existindo mesmo depois que você entrava para o ensino médio, não sei como aquele exercício poderia ajudar alguém.

Quando ela não se jogou para trás de imediato, um dos caras do primeiro ano deu uma risadinha e falou:

– Vamos, Ema. A gente segura você.

A voz não lhe deu confiança. Ela puxou a venda e olhou para nós. Nossos olhares se cruzaram e eu fiz que sim com a cabeça. Finalmente, ela se deixou cair. Nós a apanhamos (alguns acrescentando grunhidos dramáticos), mas Ema não pareceu nem um pouco mais confiante.

Mais tarde jogamos uma partida idiota de *paintball* em que duas pessoas se machucaram e depois partimos para um exercício chamado (quem me dera estar de brincadeira) “creme de amendoim envenenado”. Nessa atividade você precisava atravessar um caminho de 10 metros de creme de amendoim envenenado, mas, como explicou a Sra. Owens:

– Somente dois membros de cada grupo podem usar o sapato antiveneno para atravessar!

Resumindo, você precisava carregar seus companheiros nas costas. As garotas menores soltavam risadinhas enquanto eram carregadas. Havia ali um fotógrafo do jornal *Star-Ledger*, clicando à vontade. O repórter fazia perguntas à Sra. Owens, que estava radiante e dava respostas cheias de expressões como “criar vínculos”, “dar boas-vindas” e “confiar no próximo”. Eu não conseguia imaginar que tipo de matéria alguém poderia escrever com uma coisa dessas, mas talvez eles estivessem desesperados atrás de uma pauta de “interesse humano”.

Eu estava parado com Ema no fim da fila para cruzar o caminho de creme de amendoim envenenado. A maquiagem preta escorria pelo seu rosto junto com o que talvez fossem lágrimas silenciosas. Eu me perguntei se o fotógrafo clicaria aquilo.

Quando foi chegando a hora de Ema ser carregada, pude sentir que ela começava a tremer de medo.

Pense bem: é o seu primeiro dia de aula e você é uma garota que pesa quase 100 quilos. Então é forçada a vestir um short de ginástica e participar de uma atividade em grupo sem sentido. Nela, seus novos colegas

de classe, bem mais magros do que você, precisam carregá-la por 10 metros como se fosse um barril de cerveja, enquanto você só quer se encolher em um canto e morrer.

Quem acharia que isso é uma boa ideia?

A Sra. Owens se aproximou da nossa equipe.

– Preparada, Emily?!

Era Ema ou Emily? Eu já não sabia.

Ela ficou calada.

– Coragem, garota. Atravesse esse creme de amendoim envenenado! Você consegue!

– Sra. Owens? – chamei.

Ela olhou para mim. O sorriso continuou inalterado, mas seus olhos se estreitaram um pouco.

– Você é o...?

– Meu nome é Mickey Bolitar. Sou do segundo ano e venho de outra escola. Se a senhora não se importar, não vou participar desta atividade.

O olho direito da Sra. Owens tornou a tremer.

– Como?

– É que não estou a fim de ser carregado.

Os outros garotos me olharam como se estivesse brotando um braço na minha testa.

– Sr. Bolitar, você é novo aqui.

O ponto de exclamação tinha desaparecido da voz da Sra. Owens.

– Creio que seria bom participar.

– É obrigatório? – perguntei.

– Como?

– É obrigatório que eu participe desta atividade em especial?

– Bem, não, não é obriga...

– Então não vou participar – falei, olhando em seguida para Ema/Emily. – Você me faria companhia?

Então nos afastamos. Dava para ouvir o mundo cair em silêncio atrás de mim. Em seguida a Sra. Owens soprou um apito, interrompendo a atividade e chamando o grupo para o almoço.

Depois de nos afastarmos mais alguns metros, ela disse:

– Uau.

– O quê?

Ela me fitou bem dentro dos olhos.

– Você salvou a gorda. Aposto que está muito orgulhoso.

Então balançou a cabeça e foi embora.

Eu olhei para trás. A Sra. Owens nos observava. Continuava com o mesmo sorriso, mas a expressão em seus olhos deixava claro que eu tinha conseguido fazer uma inimiga no meu primeiro dia.

O sol me castigava. Eu deixei. Fechei os olhos por alguns instantes. Pensei na minha mãe, que logo voltaria para casa da clínica de reabilitação. Pensei no meu pai, que estava morto e enterrado.

Me senti muito sozinho.

O refeitório da escola estava fechado – o período letivo ainda demoraria semanas para começar –, de modo que precisávamos trazer nosso próprio lanche. Comprei um sanduíche de frango com molho picante e me sentei na grama em uma colina que dava para o campo de futebol americano. Estava prestes a dar a primeira mordida quando a vi.

Ela não era o meu tipo, embora eu não tenha exatamente um. Passei a vida inteira viajando pelo mundo. Meus pais trabalhavam para uma instituição beneficente em lugares como Laos, Peru e Serra Leoa. Não tenho irmãos. Todas essas viagens eram empolgantes e divertidas quando eu era criança, mas foram ficando cansativas e difíceis à medida que eu crescia. Eu queria ficar em um lugar só. Queria ter amigos, jogar em um time de basquete e, bem, conhecer garotas e fazer coisas de adolescente. É meio complicado conseguir isso quando se está fazendo mochilão pelo Nepal.

Aquela garota era bonita, sem dúvida, mas também era arrumada, bem-vestida demais e patricinha. Havia algo de esnobe nela, mas eu não conseguia identificar o quê. Seu cabelo era louro como o de uma boneca de porcelana. Ela usava saia (uma de verdade, não daquelas micro) e o que talvez fossem meias soquetes. Resumindo, parecia ter acabado de sair do catálogo da loja de roupas mais tradicional do país.

Dei uma mordida no meu sanduíche e então notei que ela não tinha nada para comer. Talvez estivesse fazendo dieta, mas, por algum motivo, achei que não era o caso.

Não sei por que, mas decidi me aproximar dela. Não que estivesse no clima de conversar com alguém ou conhecer quem quer que fosse.

Ainda estava tentando me acostumar às pessoas que tinham entrado na minha vida há tão pouco tempo e realmente não queria acrescentar mais ninguém à lista.

Talvez tenha sido apenas por ela ser tão bonita. Talvez eu fosse tão superficial quanto qualquer um. Ou talvez porque às vezes um solitário sabe detectar outro. Talvez eu tenha sido atraído pelo fato de ela, assim como eu, aparentemente querer ficar na sua.

Eu me aproximei sem muita convicção. Quando estava perto o suficiente, meio que acenei e disse:

– Oi.

Sempre começo com algo supersedutor desse tipo.

Ela ergueu os olhos verdes como esmeraldas para mim, enquanto fazia sombra neles com uma das mãos.

– Oi.

Sim, senhor, muito bonita.

Eu fiquei parado ali, constrangido. Meu rosto ficou vermelho. De repente minhas mãos pareciam grandes demais para o meu corpo. A segunda coisa que falei para ela foi:

– Meu nome é Mickey.

Caramba, eu sou ou não sou irresistível? Uma cantada matadora atrás da outra.

– Eu sou Ashley Kent.

– Legal – falei.

– É.

Em algum lugar deste mundo, na China, na Índia ou nos confins da África, devia haver alguém mais otário do que eu. Mas eu duvidava.

Apontei para seu colo vazio.

– Você não trouxe lanche?

– Não, esqueci.

– Este sanduíche aqui é enorme – falei. – Quer dividir?

– Ah, obrigada, mas não precisa.

Mas eu insisti e acabei sendo convidado a me sentar com ela. Ashley também estava no segundo ano e também era nova na cidade. O pai, disse ela, era um cirurgião famoso. A mãe era advogada.

Se a vida fosse um filme, essa seria aquela parte em que as cenas passam com música ao fundo. Alguma canção animada ficaria tocando en-

quanto Ashley e eu apareceríamos dividindo um lanche, conversando, rindo, parecendo tímidos, de mãos dadas e, para terminar, trocando um primeiro beijo inocente.

Isso foi há três semanas.

Eu cheguei à aula do Sr. Hill assim que o sinal tocou. Ele fez a chamada. O sinal tocou uma segunda vez e o primeiro tempo começou. A sala de Ashley era do outro lado do corredor. Eu esperei e vi que ela não tinha aparecido novamente.

Eu disse que Ashley era minha namorada. Talvez tenha exagerado um pouco. Acho que estávamos nos conhecendo. Tínhamos nos beijado duas vezes, não mais que isso. Para ser franco, eu não gostava de mais ninguém na minha nova escola, só dela. Não era amor, mas também era muito cedo para saber. Por outro lado, sentimentos desse tipo costumam diminuir com o tempo. Essa é a verdade. Gostamos de fingir que eles aumentam à medida que vamos ganhando intimidade. Mas, na maioria das vezes, é o contrário. Nós, garotos, vemos uma menina maravilhosa e temos uma paixão aguda, daquelas que nos deixam sem fôlego e tão ansiosos, tão desesperados, que sempre estragamos tudo.

Mas, se por acaso conseguimos conquistá-la, o sentimento começa a diminuir quase na mesma hora. Só que, neste caso, meus sentimentos por Ashley ficaram mais fortes. O que era um pouco assustador, no bom sentido.

Então, um belo dia, eu fui para a escola e Ashley tinha faltado. Liguei para o celular dela, mas ninguém atendeu. Ela também não foi no dia seguinte. E nem no outro. Eu não sabia bem o que fazer. Não tinha o endereço dela. Pesquisei o sobrenome Kent na internet, mas o número deles devia estar fora da lista telefônica. Na verdade, não havia absolutamente nada a seu respeito na rede.

Ashley tinha simplesmente sumido do mapa.

## capítulo 2

**T**IVE UMA IDEIA DURANTE o terceiro tempo.

Ashley e eu tínhamos apenas uma aula juntos – história, com a Sra. Friedman. Era minha professora favorita até o momento. Tinha um jeito teatral e entusiasmado. Naquele dia ela estava falando sobre como certas figuras históricas eram pessoas incrivelmente cultas e insistia em que nos tornássemos “homens e mulheres renascentistas”.

Eu ainda não havia conversado com ela em particular, nem com nenhum dos professores fora da aula. Só ficava na minha. Era o meu jeito. Sei que recebia olhares, do tipo que qualquer “aluno novo” recebe. Um dia, um grupo de meninas estava dando risadinhas enquanto olhava na minha direção. Uma delas veio até mim e perguntou:

– Será que você pode, tipo, me dar seu telefone?

Confuso, eu lhe dei meu número.

Cinco minutos depois ouvi mais risadinhas e meu celular vibrou. O torpedo dizia:

**minha amiga acha você uma gracinha.**

Não respondi.

Depois da aula, fui falar com a Sra. Friedman.

– Ah, Sr. Bolitar – disse ela como um sorriso que iluminou seu rosto.

– Fico feliz que esteja na minha turma.

Não sabia bem como reagir a isso, então me limitei a dizer:

– Hã, obrigado.

– Nunca dei aula para seu pai – falou ela. – Mas seu tio foi um dos meus melhores alunos. Você se parece com ele.

Meu tio. O grande Myron Bolitar. Eu não gostava dele e já estava pra lá de cansado de ouvir dizerem como ele era o máximo. Meu pai e meu tio eram muito próximos, mas acabaram tendo uma briga feia. Durante os últimos 15 anos de vida do meu pai, basicamente desde a minha concepção até o dia em que ele morreu, os dois irmãos não se falaram. Imagino que eu deveria perdoar o tio Myron, mas não estou muito a fim.

– Em que posso ser útil, Sr. Bolitar?

Quando um professor chama você de “senhor” ou “senhorita”, costuma soar paternalista ou formal demais. Mas a Sra. Friedman acertava em cheio o tom.

– Como a senhora deve saber – falei devagar –, Ashley Kent tem faltado ultimamente.

– Sim, é verdade.

A Sra. Friedman era uma mulher baixinha e precisou se esforçar um pouco para me encarar nos olhos.

– Vocês dois são bem próximos.

– Somos amigos.

– Ora, Sr. Bolitar, posso ser velha, mas vi a maneira como o senhor olha para ela. Até a Srta. Caldwell está incomodada por não conseguir chamar sua atenção.

Eu fiquei vermelho quando ela falou isso. Rachel Caldwell era provavelmente a menina mais gostosa da escola.

– Enfim... – falei, alongando a palavra. – Eu estava pensando que talvez pudesse ajudá-la.

– Ajudá-la como?

– Pegando os exercícios dela e, bem, levando para ela fazer.

A Sra. Friedman estava apagando o quadro-negro. A maioria dos professores usava a lousa digital, mas, como a própria Sra. Friedman gostava de brincar, ela era “das antigas, literalmente”. Ela parou e olhou para mim.

– Ashley pediu para o senhor pegar os exercícios dela?

– Bem, não.

– Então o senhor simplesmente assumiu essa responsabilidade?

Aquela era uma ideia idiota. Mesmo que ela me desse o dever de casa, para onde eu iria levá-lo? Eu nem sabia onde Ashley morava.

– Deixe pra lá – falei. – Mas obrigado assim mesmo.

Ela largou o apagador.

– Sr. Bolitar?

Tornei a me virar para ela.

– O senhor sabe por que Ashley Kent tem faltado?

Meu coração começou a esmurrar lentamente o peito.

– Não, senhora.

– Mas está preocupado.

Não vi sentido em mentir para ela.

– Sim, senhora.

– Ela não telefonou para o senhor?

– Não, não telefonou.

– Estranho – disse, franzindo o cenho. – Tudo o que posso lhe dizer é que recebi um comunicado dizendo que não deveria esperar que Ashley voltasse.

– Como assim? Não entendi.

– É tudo o que eu sei – falou. – Imagino que ela tenha se mudado da cidade. Mas...

Ela deixou a frase pela metade.

– Mas o quê?

– Esqueça, Sr. Bolitar – concluiu ela, voltando a apagar o quadro. – Apenas... apenas tenha cuidado.



Na hora do almoço, eu estava na fila do refeitório.

Eu sempre pensei que estar em um refeitório de escola de ensino médio seria mais dramático. Sim, havia muitos grupinhos formados. Os jogadores de lacrosse eram chamados de Irmãos Lacrosse. Todos tinham cabelos longos, eram musculosos e começavam cada frase que diziam com “pode crer”. Havia uma mesa para os “animados” – garotos brancos que se achavam asiáticos e adoravam mangás e os video games relacionados a eles. As garotas bonitas nem eram tão bonitas assim: eram magricelas e usavam roupas caras e saltos altos demais. Havia ainda os viciados em games, os modernos, os skatistas, os viciados em drogas, os ratos de computador e os garotos que faziam teatro.

Não parecia haver muitos conflitos sociais por ali. Aquelas pessoas estavam juntas havia tanto tempo que nem se davam conta do que estava acontecendo. Os excluídos vinham se sentando sozinhos fazia tantos anos que isso já nem era mais uma questão de crueldade, mas de hábito. Eu não sabia o que era pior.

Um garoto que definitivamente se encaixaria na definição de “rato de computador” se aproximou de mim carregando uma bandeja. Usava a bainha da calça dobrada até metade da canela, além de tênis totalmente brancos, sem nenhuma logo.

Ele empurrou seus óculos estilo Harry Potter para cima e ergueu a bandeja na minha direção.

– Ei, quer minha colher? – perguntou. – Quase não usei.

Eu olhei para a bandeja.

– Quase?

– É.

Ele levantou um pouco mais a bandeja para que eu pudesse ver. A colher estava dentro de um copo de salada de frutas cheio de calda.

– Não – falei. – Não precisa.

– Tem certeza?

– Está faltando colher ou coisa parecida?

– Não. Tem um monte.

Aah, tá.

– Já que é assim, não, obrigado.

Ele encolheu os ombros.

– Você é quem sabe.

Quando terminei de comprar o almoço, Colherada (era assim que eu o chamava na minha cabeça agora) estava esperando por mim.

– Onde você vai sentar? – perguntou ele.

Desde que Ashley tinha sumido, eu vinha comendo sozinho do lado de fora.

– Não sei.

Colherada começou a me seguir.

– Você é grande e gosta de ficar na sua. Tipo o Shrek.

Não tinha muito a dizer quanto a isso.

– Eu poderia ser o Burro. Sabe qual é?

Aah, tá. Se eu sáísse, ele me seguiria, então procurei um lugar seguro para sentar ali dentro mesmo.

– Ou o Robin. Tipo Batman e Robin. Ou Sancho Pança. Já leu *Dom Quixote*? Eu também não, mas vi aquele musical, *O homem de La Mancha*. Adoro musicais. Meu pai também. Minha mãe, nem tanto. Ela gosta de luta, tipo MMA. Sabia que essa sigla significa artes marciais mistas? Meu pai e eu, nós vemos um musical por mês. Você gosta de musicais?

– Claro – falei, correndo os olhos pelo refeitório em busca de um lugar seguro.

– Meu pai é legal pra caramba. Me leva pra ver musicais e tal. Já vi-

mos *Mamma Mia* três vezes. É sensacional. O filme, nem tanto. Pierce Brosnan canta como se tivesse levado uma flechada na garganta. Papai tem desconto nas entradas por trabalhar na escola. Ele é o zelador daqui. Mas nem adianta pedir pra ele deixar você entrar no vestiário das meninas, porque eu já pedi e ele disse nem pensar. Papai às vezes é bem durão, sabe?

– Sei – respondi.

Havia uma mesa quase vazia no canto dos excluídos. A única pessoa sentada ali era a minha donzela em perigo ingrata, Ema ou Emily – eu ainda não sabia qual era seu nome.

– E então, posso ser seu Burro?

– Vou pensar no assunto – falei.

Fui depressa até a mesa da garota e coloquei minha bandeja ao lado da sua. Ela fazia o tipo maquiagem preta pesada, cabelo preto lambido, roupas pretas, botas pretas, pele branquela. Era gótica, ou emo, ou sei lá como se chama esse visual. Tinha tatuagens cobrindo seus antebraços e uma que subia pela gola da blusa e dava a volta no pescoço. Ema/Emily me encarou com uma expressão que só conseguiria parecer mais mal-humorada se ela tivesse levado um soco.

– Ah, que ótimo – disse ela. – Companhia por piedade.

– Companhia por piedade?

– Pense um pouco.

Eu pensei. Nunca tinha ouvido falar nisso.

– Ah, entendi. Como se eu tivesse pena de você por estar sentada sozinha. Então venho lhe fazer companhia.

Ela revirou os olhos.

– E é agora que eu concluo que você é um atleta burro.

– Estou tentando ser um homem renascentista.

– Ah, então você também tem aula com a Sra. Friedman – disse, relanceando os olhos para a esquerda e depois para a direita. – Cadê sua namorada patricinha?

– Não sei.

– Antes você se sentava com a gatinha esnobe, agora se senta comigo – falou, balançado a cabeça. – Que decadência.

Eu estava ficando cansado de pensar nela como Ema/Emily.

– Como você se chama?

– Por que quer saber?

– Ouvi um garoto chamar você de Ema. Depois a Sra. Owens a chamou de Emily.

Ela pegou seu garfo e começou a brincar com a comida. Notei que as sobranças dela eram perfuradas. Ai.

– Meu nome é Emily, mas todo mundo me chama de Ema.

– Por quê? Só estou perguntando para saber como devo chamar você.

– Ema – falou ela de má vontade.

– OK. Ema.

Ela brincou um pouco mais com a comida.

– Então, o que você faz da vida? Quero dizer, quando não está salvando a gorda?

– Essa coisa de bancar a antipática – falei – está ficando um pouco forçada.

– Você acha?

– Eu pegaria mais leve.

– Talvez tenha razão – disse ela, encolhendo os ombros. – Então você é o garoto novo, certo?

– Isso.

– De onde você é?

– Nós viajamos bastante – respondi. – E você?

Ela fez uma careta.

– Moro aqui desde que nasci.

– Não me parece ser tão ruim.

– Até onde percebi, você ainda não se encaixou.

– Não quero me encaixar.

Ema gostou dessa resposta. Eu baixei os olhos para a minha bandeja. Peguei a colher e pensei, bem... em Colherada. Balancei a cabeça e sorri.

– O que foi? – perguntou Ema.

– Nada.

Era estranho pensar nisso, mas, quando meu pai tinha a minha idade, ele almoçava nesse mesmo refeitório. Era jovem e tinha a vida inteira pela frente. Eu corri os olhos ao redor e me perguntei onde ele teria se sentado, com quem teria conversado, se já costumava rir com a mesma facilidade de quando eu o conheci.

Esses pensamentos se transformaram numa mão gigante apertando meu peito. Eu pisquei e larguei a colher.

– Você está bem? – perguntou Ema.

– Estou.

Pensei em dona Morcega e no que ela tinha dito. Que doida varrida. Ninguém consegue uma reputação como a dela a troco de nada. Só mesmo fazendo maluquices. Tipo dizer a um garoto que viu o próprio pai morrer em um acidente de carro que o homem de quem ele sentia tanta falta ainda estava vivo.

Meus pensamentos recuaram oito meses, para o dia em que nós chegamos a Los Angeles: meu pai, minha mãe e eu. Meus pais queriam que eu ficasse em um lugar onde pudesse cursar o ensino médio, jogar em um bom time de basquete e talvez até entrar para uma faculdade.

Belos planos, não?

Agora meu pai estava morto e minha mãe, destruída.

– Ema – chamei.

Ela olhou para mim desconfiada.

– Você sabe alguma coisa sobre dona Morcega?

Ema enrugou a testa. Quando fez isso, a maquiagem em seus olhos se franziu, abrindo-se como um leque em seguida.

– Agora eu entendi.

– Entendeu o quê?

– Por que se sentou aqui – falou Ema. – Deve ter pensado, tipo, aquela gorda maluca deve saber tudo sobre a doida da dona Morcega.

– O quê? Não.

Ema se levantou com sua bandeja.

– Só me deixe em paz, OK?

– Não, espere! Você não está entendendo...

– Entendi muito bem. Já fez sua boa ação.

– Quer parar com isso? Ema...

Ela se afastou depressa. Eu dei um passo para segui-la, mas então parei. Dois fortões usando jaquetas do time de futebol americano da escola soltaram risadinhas. Um apareceu à minha direita e outro à minha esquerda. O da direita (o nome escrito em letras cursivas no seu peito era Buck) me deu um tapa mais forte do que deveria no ombro e disse:

– Parece que você mandou mal, hein?

O outro fortão, que a jaqueta anunciava como Troy, achou graça.

– É – disse Troy. – Mandou mal. Com a gorda.

– Gorda e feia – complementou Buck.

– E mesmo assim você mandou mal – emendou Troy.

– Fala sério.

Buck e Troy ergueram as mãos espalmadas e bateram um na do outro. Então se viraram para mim com os braços erguidos, para que eu fizesse o cumprimento também.

– Toca aqui, mano – falou Buck.

Fechei a cara:

– Vocês não têm nenhuma seringa cheia de esteroides pra enfiar na bunda, não?

Suas bocas formaram dois “ohs” de surpresa. Passei pela dupla com um empurrão. Enquanto me afastava, Buck gritou:

– Isso não vai ficar assim. Você é um homem morto.

– É – acrescentou Troy. – Um homem morto.

– Põe morto nisso.

– Mortinho da silva.

Putz, tomara que isso não vire apelido.

Enquanto ia atrás de Ema, vi a Sra. Owens, que estava como monitora no refeitório, se aproximar depressa para bloquear minha passagem. Havia um brilho em seus olhos. A Sra. Owens não tinha me perdoado pelo fiasco da dinâmica de grupo. Com o mesmo sorriso pintado na cara, ela parou bem na minha frente e soprou seu apito.

– É proibido correr no refeitório – disse ela. – A não ser que você queira pegar uma semana de detenção. Fui clara?

Eu olhei ao redor. Buck fez uma arma com os dedos e puxou o gatilho. Ema esvaziou sua bandeja no lixo e atravessou as portas. A Sra. Owens sorriu, desafiando-me a correr atrás da garota. Eu não fui.

Pois é, eu estava mesmo fazendo amigos rápido.

# capítulo 3

**O CADEADO DO MEU ARMÁRIO** nunca abre de primeira. Não sei por quê.

Eu tinha acabado de colocar os números certos: 14, depois de volta para o 7, então o 28... Não, ele não abriu. Estava prestes a tentar de novo quando ouvi uma voz conhecida dizer:

– Eu coleciono aqueles bonecos que têm cabeça grande e pescoço de mola.

Eu me virei para encarar Colherada.

– Bom saber – falei.

Colherada fez um gesto indicando que eu saísse do caminho. Ele sacou um molho de chaves imenso, encontrou a que estava procurando e a enfiou na parte de trás do cadeado. Ele se abriu na mesma hora.

– Qual é a sua combinação? – perguntou ele.

– Hã... por que eu deveria contar a você?

– Se liga – disse Colherada, balançando suas chaves em frente à minha cara. – Você acha que eu preciso da combinação se quiser abrir seu armário?

– Bem pensado.

Eu disse os números, ele girou o segredo e então me devolveu o cadeado.

– Agora deve funcionar sem problemas – concluiu.

Ele fez menção de ir embora.

– Espere, Colherada.

Ele se virou na minha direção.

– Do que você me chamou?

– Desculpe, é que não sei o seu nome.

– Colherada – falou ele, olhando para cima e sorrindo como se tivesse ouvido a palavra pela primeira vez. – Gostei. Colherada. Gostei mesmo. Pode me chamar de Colherada, OK?

– Beleza – eu disse enquanto ele me olhava, na expectativa. – Hã, Colherada...

Ele ficou radiante.

Eu não sabia muito bem como fazer a pergunta, mas então desencanei:

– Você tem um monte de chaves aí, hein?

– Mas não me chame de Chaveiro, certo? Prefiro Colherada.

– Sim, claro. Pode deixar. Você disse que o seu pai é o zelador, não foi?

– Isso. Aliás, sabe a feiticeira de *As crônicas de Nárnia*? Ela é a maior gostosa, você não acha?

– Acho – falei, tentando trazê-lo de volta para o assunto. – O seu pai pode ajudar você a entrar em todos os lugares trancados da escola?

Colherada sorriu.

– Claro, mas eu não preciso pedir. Tenho todas as chaves aqui – afirmou, balançando o molho para o caso de eu não saber o significado de “chaves”. – Mas a gente não pode entrar no vestiário das meninas. Eu perguntei a ele e...

– Está bem, não estou falando do vestiário das meninas. Mas você pode entrar em outros lugares?

Colherada empurrou os óculos para cima:

– Por quê? Qual a sua ideia?

– Bem – falei –, estava pensando se não poderíamos entrar na secretaria e conferir a ficha de uma aluna.

– Que aluna?

– O nome dela é Ashley Kent.

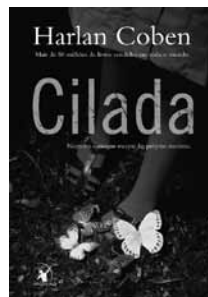


As aulas terminavam às três da tarde, mas Colherada me disse que a barra só estaria limpa às sete. Isso significava que eu tinha quatro horas para matar. Era cedo demais para visitar minha mãe (eu só podia vê-la à noite, porque o trabalho de reabilitação era feito durante o dia), então voltei à casa de dona Morcega.

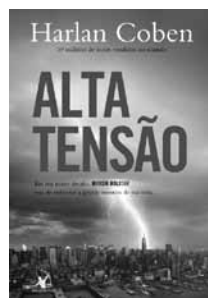
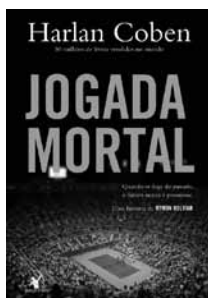
Assim que saí da escola, percebi que tinha um recado no correio de voz. Suspeitei que a mensagem fosse de algum adulto. Gente da minha idade manda torpedos. Adultos deixam mensagens de voz, que são um saco, porque você tem que ligar, passar pelo atendimento, depois ouvir o recado e então apagá-lo.

É, eu tinha razão. A mensagem era do meu tio Myron.

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



### *Série Myron Bolitar*



INFORMAÇÕES SOBRE OS  
PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)